



7 • Correio Braziliense — Brasília, quarta-feira, 11 de dezembro de 2024

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na terça-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na terça-feira	Últimos	Comercial, venda na terça-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,8% São Paulo	127.857	R\$ 6,048 (-0,57%)	R\$ 1.412	R\$ 6,366	11,15%	12,02%	Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39
0,35% Nova York	5/12 6/12 9/12 10/12	4/dezembro 6,047 5/dezembro 6,009 6/dezembro 6,070 9/dezembro 6,082					

INFLAÇÃO

Em novembro, os preços do produto agrícola aumentaram 8,02%, contribuindo para a elevação em 1,55% no grupo Alimentação e bebidas. Segundo o IBGE, o indicador dos últimos 12 meses ultrapassa o teto da meta para 2024

Carne é a vilã da vez no IPCA, que bateu 4,87%

» ROSANA HESSEL
» RAPHAEL PATI

Com um avanço maior dos grupos de alimentação e bebidas, além das despesas pessoais, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu 0,39% na análise de novembro. O resultado, no entanto, foi menor do que o registrado no mês anterior, quando a inflação oficial cresceu 0,56%.

Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No acumulado dos últimos 12 meses, o IPCA avançou de 4,76%, em outubro, para 4,87%. Somente em 2024, a inflação já acumula 4,29%.

Entre os nove grupos de produtos e serviços analisados, três apresentaram alta em novembro. O grupo alimentação e bebidas registrou a maior variação, com 1,55%, contribuindo com 0,33 ponto percentual para a alta do índice geral, com as carnes entre os maiores vilões. Em seguida, o grupo transportes subiu 0,89%, adicionando 0,18 ponto percentual, enquanto as despesas pessoais avançaram 1,43%, com impacto de 0,14 ponto percentual.

A professora Hellen de Jesus, moradora do Plano Piloto, reclamou do aumento do preço das carnes e revelou que pesquisa os lugares mais baratos para comprar certos cortes bovinos. “O poder de compra está só diminuindo, de maneira geral. Eu acho que não só a carne, mas a gente percebe o aumento

de outros alimentos, principalmente da cesta básica. Acho que a gente vai ter que começar a comer ovo”, disse a professora.

Já a aposentada Maria de Fátima, moradora do Cruzeiro, disse que está cada vez mais difícil conciliar as despesas do mês com o aumento no preço dos alimentos. “O meu salário de dezembro já acabou. Eu nem comprei nada para a ceia, para nada. Você tem que comprar uma toalha para enfeitar, tem que comprar um presentinho, uma coisinha para dar para o neto, e aí já foi”, desabafou.

O item passagens aéreas, relacionado ao grupo de transportes, obteve inflação de 22,65% e contribuiu em 0,13 ponto percentual no índice geral. Entre as despesas pessoais, o resultado foi influenciado, principalmente, pelo cigarro, que registrou um aumento de 14,91% nos preços em novembro.

Os demais grupos registraram deflação em novembro. O setor de habitação foi responsável pela maior queda do índice no mês, com um resultado negativo de 1,53%. Completam a lista os grupos de artigos de residência (-0,31%), comunicação (-0,10%), vestuário (-0,12%), saúde e cuidados pessoais (-0,06%) e educação (-0,04%).

Luis Otávio Leal, economista-chefe da G5 Partners, avalia que a inflação de novembro “foi um cabo de guerra” entre o subgrupo ‘carnes’ e o item ‘energia elétrica residencial’, que recuou 6,27% no mês passado. Ele lembrou que, no caso das carnes, continuam os problemas de oferta, devido à redução do rebanho, e, no da

Raphael Pati/CB/D.A Press



Nas idas ao mercado, no dia a dia, a professora Hellen de Jesus percebe que o poder de compra dos brasileiros está caindo ao longo do ano

energia residencial, a deflação foi resultado da redução no patamar da tarifa extra na conta de luz. “Os números qualitativos tiveram comportamentos duvidosos. Se, por um lado, mostraram desaceleração com relação ao mês anterior, por outro vieram acima do esperado. Isso foi especialmente ruim para os ‘serviços subjacentes’ que passaram de 0,76% para 0,60%, mas vieram bem acima dos 0,41% esperados pelo mercado”, alertou.

Juros

Na perspectiva do economista-chefe do Banco Daycoval, Rafael Cardoso, a atividade e a inflação mais resilientes, pressionada

pela desvalorização do real mais recente, devem fazer com que o Banco Central acelere a alta de juros de 0,50 ponto, na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) anterior, para acelerar a alta de juros para 0,75 ponto, nesta semana, para 12%, mas um aumento maior não está descartado. “As projeções atualizadas de inflação usando versão do modelo de pequeno porte do BC subiram em relação à reunião do Copom de novembro. A projeção para o horizonte relevante que já estava acima da meta deve se distanciar ainda mais, passando de 3,6% para 4,1%”, destacou.

Segundo ele, desde a última reunião do Copom as expectativas de inflação se deterioraram

significativamente e a taxa de câmbio apresentou expressiva depreciação no período, e uma alta maior. “Diante do cenário econômico mais adverso, o comitê deveria agir de forma mais contundente. Portanto, não descartamos a possibilidade de elevação de juros acima do nosso cenário base”, afirmou.

Alguns analistas reforçam o argumento de que um choque no ritmo de 0,50 ponto percentual de alta da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) de novembro, que acelerou ritmo de 0,25 ponto percentual para 0,50 ponto percentual, para elevando a taxa básica

da economia (Selic) para 11,25%. A maioria das apostas prevê alta de 0,75 ponto percentual na Selic, para 12% ao ano. Mas grandes agentes financeiros, como Itaú Unibanco e XP Investimentos, estão prevendo um aumento maior, de 100 pontos-base nos juros, para 12,25% anuais.

De acordo com dados da equipe econômica do Itaú Unibanco, a perspectiva de inflação do modelo do Banco Central deverá apontar o indicador acima de 4% no segundo trimestre de 2026, o “horizonte relevante” para a reunião do Copom deste mês, a última do ano e com os atuais diretores, incluindo o presidente do BC, Roberto Campos Neto.

NOVA ECONOMIA

Transição energética em debate

Após surpresas positivas no desempenho da atividade econômica em 2024, com as estimativas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) sendo revisadas para cima ao longo do ano, chegando a mais do que o dobro das projeções do início de 2024, o cenário para 2025 será desafiador na área fiscal, principalmente após a frustração com o pacote de corte de gastos, que está com dificuldades para tramitar no Congresso.

Contudo, além da recente conclusão do acordo de livre-comércio entre União Europeia e Mercosul, um dos principais destaques na segunda metade do mandato do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva será a transição energética, em um cenário de fortes mudanças climáticas.

Na avaliação do presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), Ricardo Capelli, existem várias frentes para o desenvolvimento da indústria nacional nesse contexto da transição energética. “Temos

inúmeras oportunidades, que vão do hidrogênio verde, passando por biocombustíveis de diversos tipos, nossa grande fonte de energia limpa como eólica, etc. São cadeias produtivas com possibilidade de grande impacto econômico, e a capacidade do Brasil nesse aspecto é gigantesca. O governo federal tem trabalhado nisso”, afirma.

O executivo acredita que o Brasil vai conseguir ser protagonista nessa agenda, nos próximos anos, devido aos programas que foram lançados pelo ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic) e vice-presidente Geraldo Alckmin. “Certamente, o país tem se tornado líder nessa discussão, principalmente no aspecto do desenvolvimento sustentável a partir do nosso vice-presidente e ministro Geraldo Alckmin. Através de uma série de ações, como o Programa de Mobilidade Verde (Mover), a Depreciação Acelerada, o Combustível do Futuro, enfim, podemos ir mais longe, gerar

mais empregos e renda”, destacou.

Uma janela de oportunidades para o país será a realização da 30ª Conferência sobre Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (ONU), a COP 30, que ocorrerá no Pará, em 2025. A preparação para a COP, as mudanças climáticas e a transição energética, a inovação e a sustentabilidade, a regulamentação da reforma tributária, a reindustrialização e as políticas públicas estão entre os temas estratégicos do seminário *CB Debate: Desafios 2025, o futuro do Brasil em pauta*, em Brasília, no próximo dia 17.

Participam do debate especialistas, economistas e autoridades, no auditório do **Correio**.

Com apoio de comunicação do jornal e realizado pela Arena Comunicação, o seminário tem o patrocínio da ABDI e da Brasal. O seminário tem também o apoio da Confederação Nacional da Indústria (CNI) e da Federação Brasileira de Bancos. (RH)

Ed Alves/CB/D.A Press



São cadeias produtivas com possibilidade de grande impacto econômico, e a capacidade do Brasil nesse aspecto é gigantesca. O governo federal tem trabalhado nisso

Ricardo Capelli, Presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI)

